



Jornalismo e Literatura: análise do foco narrativo em *Rota 66*¹

Juciane de Jesus Aleixo²

Sheila Feitosa Santos³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar o foco narrativo no livro *Rota 66*, de autoria do jornalista Caco Barcellos. Nesta obra, o repórter investigativo faz o mapeamento da violência cometida pela Polícia Militar de São Paulo, durante as décadas de 70 e 90. A publicação se enquadra no gênero Novo Jornalismo, que surgiu na década de 60, visando romper com a objetividade costumeira dos periódicos, a partir do uso dos elementos que compõem a narrativa literária. Nesse livro-reportagem, o autor faz uma ampliação da realidade, unindo esses elementos e as técnicas jornalísticas de apuração dos fatos. Para auxiliar na análise do presente trabalho, de cunho bibliográfico, foi realizada uma revisão teórica dos estudos de Gancho (2006) e Chiappini (1985), que deram suporte quanto à temática narrativa, bem como as pesquisas de Lima (2009) e Pena (2006), que nos norteou acerca do jornalismo literário.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa; Jornalismo Literário; *Rota 66*; Foco Narrativo.

INTRODUÇÃO

Claudio Barcelos de Barcelos, Caco Barcellos, é um jornalista conhecido por valorizar os direitos humanos e dar voz às fontes não-oficiais. Esse fato é facilmente percebido em suas obras, em especial, no livro *Rota 66*: (1992). A obra narra a história da ação violenta dos policiais da Rota (Ronda Ostensiva Tobias Aguiar) na cidade de São Paulo entre as décadas de 70 e 90.

Tudo começa com o assassinato de um grupo de jovens que pertenciam à classe média paulistana. A polícia persegue os adolescentes sobre a suspeita de que são bandidos. Este fato será o ponto de partida para a longa investigação do jornalista Caco Barcellos, que acaba estabelecendo um elo com outros crimes sem explicação cometidos pela polícia militar. Para construir a narrativa, o autor utiliza técnicas jornalísticas de coleta e apuração de informações, que contribui para o surgimento do seu famoso banco de dados.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Comunicação Social- Jornalismo em Multimeios da UNEB, email:juci_aleixo@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Comunicação Social- Jornalismo em Multimeios da UNEB, email: sheilinhafeyts@gmail.com



Em *Rota 66*, o autor une elementos do jornalismo e da literatura, fazendo uma ampliação dos fatos narrados. Esta é a característica central do Novo Jornalismo, gênero jornalístico que revigorou-se na década de 60 nos Estados Unidos, se opondo à estrutura rígida dos periódicos e tendo o livro-reportagem como principal vertente.

Este artigo é resultado de discussões em torno do jornalismo literário, realizadas durante as aulas da disciplina Produção Textual do curso Comunicação Social-Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia, campus de Juazeiro. A hibridizade entre narrativa jornalística e ficcional pode ser notada em *Rota 66*. Caco Barcellos utiliza os elementos tempo, espaço e personagem para retratar as histórias ali presentes, além de manter as características legítimas do fazer jornalismo.

Analisaremos neste trabalho, o ponto de vista desse autor frente aos fatos narrados, ou seja, será explorado o foco narrativo, que é o elemento estruturador da narração. Para isso, serão utilizados como embasamento teórico os estudos de Gancho (2006) e Chiappini (1985), autoras que trataram da temática narrativa. Além de outros estudiosos, como Brait (2002). Será feita também uma reflexão acerca do Novo Jornalismo, não perdendo de vista a obra *Rota 66*. Neste sentido, serão utilizados o trabalho de Pena (2006) e Lima (2009), bem como outras pesquisas feitas a este respeito.

ROTA 66: UMA HISTÓRIA DE INVESTIGAÇÃO

O livro *Rota 66: A história da polícia que mata*, do jornalista Caco Barcellos, retrata a ação das Rotas (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar) criadas durante a Ditadura Militar, cujo objetivo seria evitar assaltos a bancos no estado de São Paulo. No entanto, aqueles que deveriam zelar pela segurança pública do estado, tornaram-se os vilões da história, atacando e perseguindo moradores de favelas. As pessoas escolhidas seguiam certo perfil: negros, pardos, pobres, desempregados com idade entre 19 a 21 anos.

A obra é fruto de 17 anos de investigação que ocorreu entre os anos de 1970-1992, com o intuito de desvendar as circunstâncias em que os indivíduos eram mortos em confrontos com a Polícia Militar (PM) de São Paulo. O trabalho foi realizado com base em um levantamento, feito durante esse período, dos casos de homicídios cometidos pelos policiais. Após cinco anos de muita pesquisa, o jornalista cria o seu



banco de dados, que continha informações e números reveladores sobre as ações de extermínio dos componentes da Rota.

O ponto de partida para tal pesquisa foi o assassinato de três jovens pertencentes à alta sociedade paulistana, após serem perseguidos pela viatura da Rota de número 66, que dá nome ao livro. Eles foram confundidos com ladrões de carro e após uma intensa perseguição foram executados com vários tiros de metralhadora. O caso repercutiu nacionalmente, levando os policiais envolvidos a julgamento. A partir do caso Rota 66, Caco Barcellos decidiu investigar, nas edições do Jornal Notícias Populares, todos os casos noticiados acerca de mortes de supostos bandidos em confronto com a polícia militar.

Segundo o jornalista, os matadores da PM herdaram as práticas adotadas pelo aparato repressivo durante a última ditadura militar brasileira (1964-1985). Mesmo depois de vencida a guerra contra a guerrilha, eles continuavam a usar os mesmos métodos contra os suspeitos da prática de crimes comuns. Muitos PMs eram contemporâneos dos agentes da repressão política da Ditadura Militar, que costumavam forjar histórias, através de notas oficiais distribuídas à imprensa, para esconder a verdadeira circunstância em que matavam seus inimigos

Ao narrar a história, o autor tenta manter os seus leitores alertas quanto às formas usadas pelos PMs para alterar as cenas do crime. Segundo eles, os assassinatos ocorriam em decorrência da resistência dos supostos “bandidos”. Então, havia uma falsa troca de tiros. Os policiais abordavam as vítimas fazendo o uso da violência, atiravam “a queima roupa” (muito próximo ao corpo dos indivíduos) e implantavam armas nas mãos das vítimas. Depois, os corpos eram removidos para hospitais, violando, assim, a cena do crime.

O livro é dividido em três partes: “Rota 66”, “Os matadores” e “Os inocentes”; São vinte e três capítulos compostos por documentos, discursos transcritos dos familiares das vítimas, recortes de jornais, arquivos da justiça civil e atestados de óbitos. Tudo para comprovar a veracidade dos fatos. A obra foi ganhadora do Prêmio Jabuti de 1993 na categoria Livro do Ano de Não-Ficção.

JORNALISMO LITERÁRIO: AMPLIAÇÃO DA REALIDADE

Narrar é uma prática comum. Não é raro nos encontramos em situações em que estamos contando ou ouvindo histórias, sejam elas fictícias ou reais. Roland Barthes afirma que:



A narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas; e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente. (BARTHES, 1973, p. 20)

Nesse sentido, jornalismo e literatura estabelecem uma relação. Ambos se propõem a narrar, apresentando elementos comuns na construção da narrativa. A conexão entre os dois remonta a diversos momentos da História. No século XIX, por exemplo, a literatura de ficção europeia, da escola do realismo social, seguia a prática jornalística de investigação, se caracterizando pela ação do escritor em realizar pesquisas de campo detalhadas, antes de compor um romance ou novela, sendo que as histórias nasciam dessa observação minuciosa da realidade. (LIMA, 2009)

No entanto, essas duas formas de narrar apresentam pontos diferentes. A diferença que mais distancia a narrativa jornalística da narrativa literária consiste em que o jornalismo se detém na comunicação de fatos reais e a literatura está voltada para a ficção. Segundo Lima (2009), o papel do jornalismo, que é o de informar, o diferencia de qualquer atividade.

Ao longo do tempo essa função sofreu algumas transformações, o que afastou ainda mais o jornalismo da literatura. “Tais modificações estiveram ligadas à adoção de diferentes paradigmas para a construção do texto jornalístico”. (LAGE, 2005, p. 10).

Uma dessas mudanças foi a adoção do modelo do lead e da pirâmide invertida na construção das notícias. Estes métodos visavam a maior objetividade possível no relato dos fatos. Uma narrativa comum é feita pela sucessão de fatos, ou seja, eles são narrados de acordo com a ordem em que eles aconteceram. Com a pirâmide invertida e o lead, respectivamente, os acontecimentos são relatados na ordem decrescente, de acordo com o grau de importância que apresentam, sendo que no primeiro parágrafo da notícia são apresentadas as informações mais relevantes. (GOMES; COSTA; BATISTA, 2004)

Essa técnica do Jornalismo começou nos Estados Unidos, no século XIX, fruto das dificuldades de comunicação enfrentadas pelos jornalistas na cobertura da Guerra de Secessão, entre os anos de 1861 a 1865, e se consolidou no início do século XX, quando o fluxo de notícias aumentou devido à necessidade cada vez maior por informações. Os jornais começaram a privilegiar os relatos dos acontecimentos sociais, se afastando da subjetividade e entrando na objetividade. A ideia de imparcialidade, hoje bastante



desconstruída, também estava arraigada nessas técnicas, que formam a base dos atuais veículos jornalísticos periódicos. (GOMES; COSTA; BATISTA, 2004)

O jornalismo voltou a se aproximar da literatura na década de 60, quando o chamado Novo Jornalismo adquiriu projeção nos EUA, tendo como principais protagonistas Truman Capote, Norman Mailer, John Hersey, Gay Talese e Tom Wolf. Este gênero, nem tão novo e nem tão inédito, como já apontou Carlos Rogé Ferreira, ao localizar essa convergência já no século XVIII, na Europa (FERREIRA, 2004) visava, através dos elementos da literatura, romper com a objetividade dos meios de informações. Com o Novo Jornalismo pretendeu-se uma maior profundidade no relato dos fatos. (ALVES, 2007)

Para Resende (2006), as narrativas jornalísticas tradicionais, além de pretender algo inatingível, a imparcialidade e a objetividade, possuem recursos escassos para narrar os fatos cotidianos. Assim, utilizar os recursos literários seria uma forma de romper com essa problemática. Nesse sentido, Pena (2006) ressalta que o Novo Jornalismo se originou da insatisfação de alguns profissionais com a praticidade técnica, principalmente com o lead. De acordo com Lima (2009), esse gênero resgatou o jornalismo literário e o levou a uma renovação sem precedentes.

Pena (2006) diz que o novo jornalismo apresentava quatro técnicas básicas e que são usados até hoje por quem faz jornalismo literário: reconstruir a história cena a cena; registrar diálogos completos e reais; exploração das variadas possibilidades do foco narrativo e registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem. Constituindo assim, num processo de captação dos fatos e elaboração do texto de maneira diferenciada, no qual o repórter revela suas impressões. Portanto, a suposta neutralidade do jornalista frente ao que reporta não é pouco considerada neste tipo de produção.

Em *Rota 66*, podemos perceber a presença desses recursos. Caco Barcellos reconstrói os fatos cena a cena, fazendo com o que o leitor tenha a sensação de estar presenciando os mesmos. A narração da perseguição aos jovens, logo no primeiro capítulo, mostra isso, como demonstra o trecho:

O motorista do Fusca azul, Francisco Noronha, sem tirar o pé do acelerador, reduz da quarta marcha para a terceira, em seguida para a segunda, e, ao girar o volante à esquerda, a roda dianteira bate no canteiro divisor de pista. Sem perder o controle, imediatamente ele gira à direita e segue em direção à calçada oposta. Sobe o meio-fio. Quase atropela um grupo de jovens, que tenta proteção junto ao muro.



Ao desviar deles, por sorte, bate com a traseira em um poste na esquina. O Fusca se alinha sobre a calçada da Brasil, com a frente apontada à direita, que está livre para a fuga. (BARCELLOS, 1992, p. 11)

O registro dos diálogos também se faz presente. Este recurso é possível com o auxílio da coleta de informações com as diversas fontes. Caco não presenciou os acontecimentos, mas a partir do depoimento de testemunhas e familiares das vítimas, reconstruiu os diálogos apresentados no livro. Vejamos como ele refez o diálogo entre uma moradora do Jardim América, onde aconteceu o assassinato dos jovens, e sua enfermeira:

Ao ouvir os tiros, dona Eliani Aparecida de Castro salta da cama, assustada. Entra no quarto ao lado, onde dorme a enfermeira, que já está acordada, tentando ver pela janela o que está acontecendo.

- Meu Deus do céu, que é isso, Lili?

- Não se preocupe, patroa. Devem ser fogos do Clube Harmonia.

- Não, senhora, isso é tiro, tiro de guerra. (BARCELLOS, 1992, p. 43)

Caco Barcellos apresenta dois pontos de vista como narrador. O foco narrativo de *Rota 66* é tanto em terceira quanto em primeira pessoa, como detalharemos adiante. Como narrador onisciente, terceira pessoa, ele sabe tudo e tudo vê. Isto possibilita que o leitor tenha uma visão mais ampla do que é narrado. Ele também usa o recurso de primeira pessoa para relatar alguns de seus passos na apuração dos fatos.

O jornalista investigativo também registrou os hábitos dos personagens. Isto pode ser notado no seguinte trecho:

Empada, pedaço de pizza, café preto, coxinha de galinha, uns trocados de vez em quando. Os soldados adoram as propinas do boteco, que parece ponto de delegacia: Radiopatrulha, Tático Móvel, vários carros da polícia cheio de PMs dentro estacionam ali todos os dias. Wagner Bossato bebeu artemisa misturada com álcool, agora sente o efeito de uma bomba no sistema nervoso central. (BARCELLOS, 1992, p. 95)

Essa obra é um dos destaques do Novo Jornalismo no Brasil no início da década de 90. Os primeiros veículos do país a usar as técnicas desse Gênero foram a Revista Realidade e o Jornal da Tarde, que faziam reportagens com uma linguagem criativa, tendo em vista a interpretação dos fatos. (JORGE; BARROS, 2011). Segundo Cremilda Medina:



A reportagem é a forma de maior aprofundamento possível de informação social, e, por outro lado, é aquela que responde melhor as aspirações de uma democracia contemporânea, com toda a plenitude até mesmo da utopia, o socialismo, ou dentro da modernização capitalista. Pois é justamente a pluralidade de vozes e a pluralidade de significados sobre o imediato e o real que fazem com que a reportagem se torne um instrumento de expansão e instrumentação plena de democracia uma vez que a democracia é polifônica e polissêmica. (MEDINA apud LIMA, 2009, p. 23)

A reportagem, portanto é o gênero jornalístico que se destaca dentro do Novo Jornalismo, principalmente o livro-reportagem, que segundo Lima (2009), é o que mais se apropria do fazer literário. De acordo com este estudioso, o livro-reportagem constitui o veículo de comunicação impressa, não periódica, que apresenta reportagem com grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro dado pelos meios de comunicação jornalística. Que é o principal objetivo do Novo Jornalismo, como já destacamos.

Segundo Pena (2006), fazer jornalismo literário não significa apenas fugir das amarras da estrutura de uma redação tradicional, mas precisa abarcar sete características principais: potencializar os recursos do jornalismo; ultrapassar os limites cotidianos; proporcionar uma visão mais ampla da realidade; exercitar a cidadania; romper com as correntes do lide; evitar os definidores primários e a perenidade.

Podemos detectar esses itens em *Rota 66*. Primeiramente há uma potencialização dos recursos jornalísticos. Segundo Pena (2006), o jornalista que se aventura no jornalismo literário não descarta o que aprendeu em sua prática na redação, mas constitui novas estratégias profissionais. Caco Barcellos fez uma apuração intensa dos fatos. O livro mostrou bem o trabalho do jornalismo investigativo na realização das pesquisas, que contou ainda com outros colaboradores, como o estudante de jornalismo Daniel, citado várias vezes durante a narrativa.

Em relação à ultrapassagem dos limites do cotidiano, é muito perceptível que o livro vai além dos fatos rotineiros retratados nos outros meios. Pena (2006) diz que nessa característica, o jornalismo rompe com a atualidade, ou seja, ele não está preocupado em passar o fato mais recente possível. Com isso, ele não fica preso no deadline, a hora de fechamento do jornal. Barcellos pesquisou durante sete anos para chegar ao resultado final. É evidente que em numa redação jornalística convencional, ele não teria esse tempo.



Quanto à terceira característica, a ampliação da realidade, também é apresentada em *Rota 66*. Inclusive, foi a partir das notícias do Jornal Notícias Populares que Barcellos iniciou sua investigação. Foi a partir delas que ele conseguiu ampliar a realidade. Não que ele tenha conseguido mostrar o real, de fato, mas conseguiu se aproximar mais dele do que as notícias do NP que apenas reproduzia a versão oficial da polícia militar. Para Pena (2006, p. 7) “qualquer assunto nunca passará de um recorte, uma interpretação, por mais completa que seja. A preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível”. A contextualização dos fatos pode ser percebida no seguinte trecho, onde o jornalista faz uma comparação entre os crimes cometidos pela polícia de São Paulo e alguns conflitos bélicos com a ajuda de um especialista no assunto:

Um dos maiores especialistas brasileiros em confrontos armados, o professor Hernâni Donato, autor do Dicionário das Batalhas Brasileiras, garante que nunca houve no país uma guerra tão violenta contra apenas um lado do confronto. O professor Donato pesquisou a história de 2 mil batalhas, desde os conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais. A sua experiência prova que a troca de tiros entre dois grupos armados sempre resulta em número de feridos muito superior ao de mortes. A história dos combates no Brasil consolidou uma proporção média de quatro sobreviventes para cada vítima fatal. O saldo das baixas nos tiroteios da PM de São Paulo se constitui, portanto, em um fato histórico muito raro. (BARCELLOS, 1992, p. 119)

Exercitar a cidadania, a quarta característica do jornalismo literário, é um dos destaques nessa obra de Caco Barcellos. Este, que tinha a intenção de conhecer o perfil das vítimas e as circunstâncias em que elas eram mortas pela Polícia Militar, acabou descobrindo uma série de execuções de inocentes, revelando esses fatos no livro.

Rota 66 rompe com o lead. Barcellos não responde, logo no início, as informações básicas, mas começa de uma forma bastante diferente, narrando a perseguição aos estudantes do fusca azul. Ele vai revelando as informações no decorrer dos outros capítulos. O leitor precisa ir adiante na história para descobrir o desenrolar dos acontecimentos, diferente do lead, em que ele já fica sabendo dos fatos mais importantes no começo.

Pena (2006) conceitua os definidores primários como os sujeitos que são comumente entrevistados, que ocupam algum cargo público ou função específica, ou seja, são as fontes oficiais: governadores, ministros, advogados, etc. Os repórteres sempre procuram esses personagens. “Mas, é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão



comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, p. 8). Caco Barcellos faz isso, ele rompe com esses definidores, que é a sexta característica. Ele ouve os familiares das vítimas, procura informações em necrotérios. As fontes oficiais não são levadas em consideração na apuração dos fatos.

A última característica, que é a perenidade, é percebida na obra. Ela foi lançada em 1992 e até hoje se mantém atual, sendo sempre lembrada, e foi relançada no ano de 2003.

Uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. (PENA, 2006, p. 8)

Portanto, *Rota 66* apresenta as sete pontas do jornalismo literário defendida pelo autor Felipe Pena, ampliando a realidade utilizando elementos da literatura e do jornalismo.

O FOCO NARRATIVO EM ROTA 66

Jornalismo e literatura, enquanto narrativas, apresentam elementos em comum. Segundo Gancho (2006), a narrativa é estruturada por cinco elementos essenciais: personagem, tempo espaço e narrador. Os personagens são aqueles que agem diretamente dentro da história por meio de falas e ações; o tempo consiste na duração da história; espaço é o local onde acontecem os fatos e o narrador, elemento estrutural da história.

Em *Rota 66* esses elementos estão definidos. Caco Barcellos descreve cenas, ambientes (espaço) e ações de personagens que ocorreram em um determinado momento (tempo), mas nos deteremos no foco narrativo. A presença do narrador é fundamental na composição da narrativa literária e jornalística, pois ele é o condutor da história. Segundo Gancho (2006), o narrador organiza os outros elementos, personagem, tempo e espaço, e faz a mediação entre o leitor e os fatos narrados, ou seja, a estrutura da narração é construída por ele.

A perspectiva do autor em relação aos acontecimentos da história recebe a terminologia de foco narrativo, que varia de acordo os diferentes pontos de vista que o narrador pode assumir no texto. (GANCHO, 2006)



O foco narrativo se manifesta tanto em primeira, quando o narrador se posiciona dentro da história, quanto em terceira pessoa, quando o narrador tem uma visão de fora do enredo. (BRAIT, 2002). A partir disso, o narrador pode ser classificado em observador (onisciente e onipresente), tendo como variantes o narrador intruso e narrador parcial, apresentados em terceira pessoa, e narrador personagem, que se apresenta em primeira pessoa, diversificando entre narrador testemunha e narrador protagonista. (GANCHO, 2006)

Para retratar os fatos presentes em *Rota 66*, Caco Barcellos usou as mais diversas fontes como notícias de jornais, entrevistas com parentes das vítimas, pesquisas em boletins de ocorrências, relatórios do Instituto Médico Legal, arquivos do Cartório da Justiça Militar, entre outros.

Nesse livro, o foco narrativo não é linear. “Ora a narração ocorre em primeira pessoa, assinalando Barcellos como o jornalista que está em busca de fontes, de resultados, de respostas para as questões que o moveram na investigação. Ora ocorre em terceira pessoa, como narrador onisciente, testemunha do acontecimento”. (GUZZO, 2011, p. 6). A terceira pessoa é caracterizada principalmente pela onisciência, pois ele sabe de todos os acontecimentos da história. Esta visão se apresenta na maior parte do livro.

Na primeira parte da obra, Caco Barcellos utiliza o suspense, interrompendo várias vezes a narração do caso que deu origem ao livro, o assassinato dos três jovens, deixando o leitor curioso com o que vai acontecer na próxima cena. No decorrer dessas narrativas, como narrador onisciente, o autor descreve as características de Noronha, Pancho e Augusto. Ele relata a personalidade dos mesmos, bem como as características físicas. Conta situações como se estivesse presente ali e também faz com que o leitor se sinta presente na cena.

Noronha vive dizendo que odeia modismos e que não tem nenhum apego a coisas materiais. Os amigos traduzem isso como coisa de adolescente mimado, que sempre tem facilmente o que deseja (...)A educação familiar de Noronha explica o traço mais marcante de sua personalidade: um jovem seguro de si, com ideias avançadas em relação às dos amigos. Mas, na hora de se despedir da namorada, Noronha revela que a autoconfiança só vai até certo ponto.

- Amanhã ao meio-dia eu vou buscar você na escola.

- Não precisa se preocupar Noronha, eu volto sozinha. Eu até gosto mais.

- Quer você queira ou não, eu estarei lá.

Desde o início do namoro tem sido assim. O que antes parecia uma gentileza revelou-se mais tarde ser puro ciúme. Uma maneira de



pressionar Iara a não cabular aula e de evitar que ela encontre alguém à saída da escola. (BARCELLOS, 1992, p. 14-15)

Também podemos perceber, nesse trecho, a presença dos diálogos, recurso muito utilizado na literatura e é uma das marcas do novo jornalismo como destacamos no tópico anterior. A onisciência do narrador também aparece quando ele demonstra conhecer os sentimentos dos personagens, como podemos notar no seguinte trecho, em que Barcellos mostrar saber dos receios dos estudantes do caso Rota 66.

Todos temem ser presos um dia. Medo de conviver com criminosos em xadrez superlotado. Mas, sobretudo, medo de apanhar de policiais, que chamam de ratos. Eles não sabem direito como funciona a repressão na cidade. Mas ouvem falar barbaridades. Noronha conhece e odeia os métodos dos policiais civis. (BARCELLOS, 1992, p. 33)

Em terceira pessoa, o foco narrativo de *Rota 66* também se caracteriza como narrador intruso. A intrusão do narrador ocorre quando ele julga os personagens da história. (GANCHO, 2006). Caco Barcellos, no decorrer da obra, mostra que condena os atos dos policiais retratados. “O saldo das baixas nos tiroteios da PM de São Paulo se constitui, portanto, em um fato histórico muito raro. Se os policiais de fato matam em legítima defesa, como alegam, eles são dignos de um prêmio pelo milagre de eficiência contra o inimigo”. (BARCELLOS, 1992, p. 119). Neste trecho é perceptível a ironia do autor ao considerar que a versão dos policiais é mentirosa.

O foco narrativo em primeira pessoa aparece frequentemente na parte três de *Rota 66*, mas também podemos encontrar o narrador em primeira pessoa em alguns trechos na parte um. Foco narrativo em primeira pessoa ou interno é caracterizado por ser um tipo de narrador que participa dos acontecimentos de uma história. Possui dupla função: de narrador e personagem que ocorrem de forma simultânea. (SÉRGIO, 2007).

O narrador personagem será “aquele que possui participação efetiva em todo o enredo por meio de qualquer personagem” (GANCHO, 2006). Este apresentará algumas variantes a depender do personagem que irá narrar à história ou da relação que será estabelecida com o leitor, podendo se apresentar na forma de narrador testemunho ou protagonista (GANCHO, 2006).

No capítulo dois, Barcellos relata sua experiência com a perseguição da polícia aos moradores da periferia, contando um momento de sua infância em Porto Alegre. Portanto, ele se tornou um personagem da história.



Estamos escondidos a 200 metros da rua, num matagal alagado, com as pernas cobertas de água até os joelhos. Corpos curvados, em silêncio absoluto. Ouvimos o ruído da RP em marcha à ré. Vemos o delegado e dois investigadores com as lanternas iluminando a cerca de arame farpado. Em seguida um dos policiais salta com facilidade a vala do esgoto e cruza a cerca, no mesmo ponto por onde havíamos passado. Nosso desespero aumenta quando a gente vê o delegado, com arma em punho, se preparando para invadir o terreno dos padres. (BARCELLOS, p. 20)

Nas páginas seguintes, Caco Barcellos, vez ou outra, se posiciona, dentro do enredo, contando o processo de investigação.

A descoberta da grande quantidade de crimes dos policiais envolvidos no caso Rota 66 me levou a ampliar o Banco de Dados criado em 1975. Até agora a pesquisa era limitada a duas fontes: os parentes das vítimas entrevistadas no pátio do IML e os arquivos do jornal Notícias Populares. Essas duas fontes já tinham me possibilitado a identificação de alguns matadores da PM. Meu plano agora era mais complexo e pretensioso. Precisava de alguém que continuasse a fazer o levantamento nos arquivos do NP em meu lugar. Sidney adorou a ideia. Resolveu acumular duas funções um tanto penosas: pela manhã, plantão no IML para observar a movimentação de cadáveres; à tarde, na biblioteca do jornal, leitura das notícias sobre pessoas mortas pela Polícia Militar. (BARCELLOS, 1992, p. 117)

Como já citamos, na parte três do livro, é aonde sua face em primeira pessoa irá se mostrar mais ainda, principalmente como narrador testemunho.

Segundo Chiappini (1985), o narrador testemunho é aquele que narra em primeira pessoa (EU), descrevendo os acontecimentos como um personagem secundário, que conta a história dos protagonistas, passando a ideia de verossimilhança, ou seja, algo semelhante ao real. É o que acontece em alguns capítulos do livro em que o autor narra histórias dos personagens principais da trama, os Policiais Militares. Nesse trecho, são apresentadas as principais ações do Tenente Roberval Conte Lopes.

Conseguimos identificar 36 das 42 vítimas de Conte Lopes registrada em nosso Banco de Dados. Constatamos que em muitos casos, a morte poderia ter sido evitada, sem nenhum prejuízo à sociedade ou risco a pessoas inocentes. Nosso levantamento deixa claro que sua tática mais comum sempre foi agir de surpresa contra os suspeitos, sem lhe dar qualquer possibilidade de defesa. Como frequentemente escolhe casos especiais para agir, é comum ter ao seu lado PMs com um poderio de fogo muito superior ao da vítima, esta está quase sempre acuada e em grande desvantagem. (BARCELLOS, 1992 p.216).



Nesse sentido, Chiappini (1985) diz que o narrador testemunho não tem acesso às ações e pensamentos de outros personagens. Ele pode apenas deduzir, a partir de hipóteses, que poderá servir de informação.

Ao investigar os antecedentes das vítimas de Conte Lopes, que consegui identificar, eu também acreditava que o deputado fazia por merecer a triste fama matador de criminosos. Ao final da pesquisa descobri que estava enganado. Pedi informação a Justiça Civil sobre o passado criminal de 25 pessoas mortas por Conte que consegui identificar, descobri a data de nascimento e filiação completa. Embora ele consigne afirmar que só mata homens perigosos, que estupram e matam, para roubar constatamos que a verdade é bem outra.

Nesse trecho, o autor utilizará documentos e registros de arquivos da justiça civil para dar maior credibilidade aos fatos narrados, se configurando em uma denúncia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo literário se caracteriza pela união entre as técnicas do fazer jornalismo e da literatura. Esse gênero foi renovado na década de 60 com o Novo Jornalismo, que surgiu nos Estados Unidos com o intuito de romper com a objetividade dos veículos tradicionais de informação.

O ponto alto do Novo Jornalismo é o livro-reportagem que oferece ao jornalista, que deseja fazer uma ampliação dos fatos, uma ferramenta de renovação de suas técnicas profissionais. Além de romper com a redação tradicional do lead e da pirâmide invertida, o jornalismo literário apresenta sete características, apontadas por Pena (2006), que são ultrapassar os limites cotidianos; proporcionar uma visão mais ampla da realidade; exercitar a cidadania; romper com as correntes do lide; evitar os definidores primários e a perenidade. Analisando o livro *Rota 66* de Caco Barcellos, detectamos todas elas.

A obra também apresenta os elementos comuns entre a narrativa literária e a jornalística como personagens, tempo, espaço e foco narrativo. Sendo este, o objeto de análise deste artigo, em que podemos encontrar tanto o foco narrativo em terceira pessoa, se apresentando como onisciente e intruso, tanto o foco narrativo em primeira pessoa, se apresentando como testemunha.

A definição do foco narrativo, isto é, como o jornalista se posiciona na narrativa, seja em primeira ou terceira pessoa, determina como a história jornalística será construída.



O livro reportagem permite uma variação no foco narrativo. Diferente das notícias costumeiras veiculadas nos periódicos diários, nesse tipo de publicação, o narrador pode penetrar na mente dos personagens e mostrar seus pensamentos e emoções, bem como reconstruir diálogos, mesmo não presenciando os fatos. Sendo, portanto, narrador onisciente, como foi percebido na obra analisada.

Enquanto foco narrativo onisciente, Barcellos mostrou saber de tudo o que acontecia na história, bem como fez com que o leitor se sentisse dentro da história. Como personagem, ele relata uma experiência da infância e conta os seus passos como jornalista investigativo, mostrando várias fases de sua pesquisa.

A hibridez do jornalismo literário foi manifestada claramente em *Rota 66*. A partir dela o autor conseguiu aproximar os fatos, o máximo possível, do real.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Selmar Becker. **Realidade: Uma narrativa para provocar espanto**. 2007. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/alves-selmar-realidade-narrativa-espanto.pdf>> Acesso em 15/12/12
- BARCELLOS, Caco. **Rota 66: a história da polícia que mata**. São Paulo, Globo: 1992.
- BARTHES, Roland. **Introdução à Análise Estrutural da Narrativa**. In: Análise Estrutural da Narrativa. Petrópolis, Vozes: 1973
- BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo, SP: Ática, 7ªed. 2002.
- CHIAPPINI, Ligia. **O Foco Narrativo**. São Paulo, SP, Ática, 10ª Ed. 1985.
- FERREIRA, Carlos Rogé. **Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas**. São Paulo: Edusp, 2004.
- GANCHO, Cândida Villares. **Como analisar narrativas**. São Paulo, SP: Ática, 2ª ed., 2006
- GOMES, Felipe Sáles; COSTA, Klenio Veiga da; BATISTA, Renata Lourenço. **Jornalismo Narrativo. Eficiência e viabilidade na mídia impressa**. Campos, UNIFLU, 2004. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/costa-klenio-jornalismo-narrativo.pdf>> Acesso em 11/12/12.
- GUZZO, Morgani. **Jornalismo investigativo e literatura: o livro reportagem atuando na denúncia social**. Interfaces, Guarapuava, Vol. 2 n. 2 Dez. 2011.
- JORGE, Thaís de Mendonça; BARROS, Bruna Renata Cavalcante de. **Repórter-marginal: o Novo Jornalismo no Brasil e a produção de João Antônio na revista Realidade, entre 1966 e 1968**. In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia. 2011. Guarapuava. Unicentro
- LIMA, Edvaldo P. **Páginas Ampliadas: O Livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura**. Barueri, São Paulo: Manole, 2009.
- LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico**. Petrópolis, Elsevier: 2005.



PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito.** 2006. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>> Acesso em 15/12/2012

RESENDE, Fernando. **O Jornalismo e suas narrativas:** as brechas do discurso as possibilidades do encontro. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009

SÉRGIO, Ricardo. **A verossimilhança: Estudos literários.** Disponível em <<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1605540>> Acesso em 02/12/2012.